

## Uma Crítica de Cristianismo Pagão

Para: Pastor Mark Driscoll

De: Justin Holcomb, MA Reformed Theological Seminary, PhD Emory University

Pesquisa de BJ Stockman

Data: 23 de novembro de 2009

Re: Crítica de *Cristianismo Pagão*

*Cristianismo Pagão*, livro de Frank Viola e George Barna, é um desafio à maneira como os cristãos têm “feito” a igreja desde o primeiro século. Em seu prefácio, Frank Viola afirma que “a igreja do primeiro século era a igreja em sua forma mais pura, antes de ser maculada ou corrompida”<sup>1</sup>. Isso inicia uma série de alegações, através do livro, de que muitas das práticas que a igreja começou logo após a morte dos apóstolos tinham origem pagã<sup>2</sup>. Isso é afirmado como “fatos históricos irrefutáveis”<sup>3</sup>. Os autores estão fazendo o que, em suas palavras, é “uma séria conclusão: A igreja institucional moderna não tem qualquer direito bíblico nem histórico de continuar existindo!”<sup>4</sup>. A razão dada para esse tipo de angústia é “abrir espaço para que o Senhor Jesus Cristo esteja trabalhando totalmente como Cabeça da igreja”<sup>5</sup>. Através do livro, *a Cabeça de Jesus Cristo* sobre sua igreja, junto com o *sacerdócio de todos os crentes* são as duas doutrinas que os autores usam como suporte bíblico para suas alegações de que a igreja foi cativada pela tradição pagã. A questão, claro, é: os autores estão certos? A maioria dos cristãos nos últimos 2000 anos (menos os primeiros 100 anos de história) tem se enganado em práticas eclesiais que não são encontradas na Escritura? A resposta é um ressoante “Não”.

Criticar todas as afirmações radicais e exaustivas que *Cristianismo Pagão* faz contra a igreja institucional seria uma crítica imensa, além do escopo desse projeto; portanto, somente apenas algumas receberão atenção aqui. O foco dessa crítica está sobre as alegações dos autores a respeito das definições de igreja institucional e orgânica, a influência pagã sobre a igreja, edifícios e hierarquia eclesiais, a natureza do pastor, o papel da pregação, e Jesus, o

---

<sup>1</sup> *Pagan Christianity: Exploring the Roots of our Church Practices*, (Carol Stream, IL: BarnaBooks, 2002, 2008), xviii. (Nota do tradutor: usarei as referências de página do original norte-americano)

<sup>2</sup> Viola afirma, “De onde as práticas da igreja contemporânea vieram? A resposta é perturbadora: a maioria delas foi copiada da cultura pagã” (xix). Interessantemente, os autores definem “pagão” como “não um sinônimo de ruim, mau, pecaminoso ou errado”, mas “uma prática ou forma de pensar que foi adotada a partir da cultura em volta da igreja” (xxxi). Portanto, práticas pagãs podem ser moralmente neutras ou redimíveis.

<sup>3</sup> Ibid, xix.

<sup>4</sup> Ibid, xx.

<sup>5</sup> Ibid, xx.

Revolucionário. Algumas dessas críticas se sobreporão a outras questões que eles levantam, embora mais atenção pudesse ser dada à crítica dos líderes de louvor, ordem do culto, vestuário de domingo, liturgia, dízimo, uso dos sacramentos, e educação cristã.

É importante começar com um entendimento do uso dos autores para os termos *igreja institucional* e *igreja orgânica*. Eles dão a seguinte definição para igreja institucional:

“Esse termo se refere a um sistema religioso (não um grupo particular de pessoas). Uma igreja institucional é aquela que opera primariamente como uma organização que existe acima, além e independentemente dos membros que a povoam. É construída mais com programas e rituais que de relacionamentos. É liderada por profissionais separados (“ministros” ou “clero”) que são ajudados por voluntários (“leigos”). Nós também usamos os termos *igreja contemporânea*, *igreja tradicional*, *igreja atual* e *igreja moderna* para se referir à igreja institucional dos nossos dias.”<sup>6</sup>

Isso contrasta com o que eles chamam de igreja orgânica:

“O termo *igreja orgânica* não se refere a um modelo particular de igreja. (Acreditamos que não existe modelo perfeito). Pelo contrário, acreditamos que a visão neotestamentária da igreja é orgânica. Uma igreja orgânica é expressão comunal, viva, pulsante, dinâmica, mutuamente participante, funcionando em todos os membros, cristocêntrica, do corpo de Cristo. Repare que nosso objetivo nesse livro não é desenvolver uma descrição completa da igreja orgânica, mas somente tocar nisso quando necessário.”<sup>7</sup>

O tom do palavreado dos autores, nas definições e por todo o livro, deixam clara sua visão de que a igreja institucional é uma organização sem vida, uma invenção do homem e da tradição humana. Por outro lado, a igreja orgânica é uma comunidade viva e vibrante, que se originou no coração de Deus e foi criada pelo Espírito Santo. Certamente, há aspectos dentro da definição de igreja orgânica que as igrejas institucionais concordariam, mas não parece haver qualquer aspecto da igreja institucional que os proponentes da igreja orgânica concordariam. Uma grande fraqueza do livro é a implicação de que todas as igrejas institucionais que existem são pagãs e sem vida. Por algum motivo, nem mesmo Jesus participa da definição de uma igreja institucional,

---

<sup>6</sup> Viola and Barna, xxxi.

<sup>7</sup> Ibid.

pois é a igreja orgânica que é “cristocêntrica”. Isso é má interpretação na melhor das hipóteses e uma calúnia disfarçada, na pior.

Jim Belcher, em seu livro *Deep Church*, chama-nos a uma visão que aceita “a igreja como instituição e organismo”<sup>8</sup>. Sem querer aceitar tudo da visão de Belcher, sua união das duas características parece ser a visão mais biblicamente acurada, uma vez que muitas igrejas institucionais não são somente um sistema estrutural, mas uma “expressão comunal, viva, pulsante, dinâmica, mutuamente participante, funcionando em todos os membros, cristocêntrica, do corpo de Cristo”<sup>9</sup>. As próprias definições de Viola e Barna são injustas com muitas igrejas – que eles rotulariam de institucionais – que procuram cultivar comunidades com esse tipo de valores (embora deva existir uma óbvia discordância sobre o significado desses termos).

O primeiro grande problema do livro é que o pressuposto histórico central dos autores é falso. O prolífico estudioso do Novo Testamento Bem Witherington destaca que a “ideia de que o cristianismo se tornou irresistivelmente gentílico e já estava adotando numerosas práticas pagãs no último terço do primeiro século... é historicamente falsa”<sup>10</sup>. O *Dictionary of the Later New Testament and its Developments* confirma isso ao afirmar: “no quinto século, o cristianismo judeu tinha uma grande presença fora de Israel e da Síria, e quase tudo do Novo Testamento foi escrito por cristãos judeus, e muito disso foi escrito para cristãos judeus”<sup>11</sup>. Muitos dos documentos da igreja primitiva que vieram do cristianismo judeu foram ignorados pelo livro, assim como a falta de atenção aos mais recentes estudos, o que contribui para a ênfase exagerada sobre a influência pagã e a exclusão da influência judaica<sup>12</sup>. Witherington mostra que todo o livro contém fraca pesquisa histórica, o que é inaceitável quando alguém está usando a tradição histórica como argumento central de uma corrupção espalhada por toda igreja pelos últimos 1900 anos<sup>13</sup>.

---

<sup>8</sup> (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009), 194.

<sup>9</sup> Viola and Barna, xxxi.

<sup>10</sup> Ben Witherington, “Pagan Christianity: by George Barna and Frank Viola: Part One of the Review”, accessed online <http://benwitherington.blogspot.com/2008/06/pagan-christianity-by-george-barna-and.html> (14 de Novembro de 2009).

<sup>11</sup> Witherington Review Part One.

<sup>12</sup> Witherington Review Part One.

<sup>13</sup> Dr. Witherington é um professor de Interpretação do Novo Testamento no Asbury Theological Seminary, e também um historiador. Ele escreve "sou também historiador e teólogo da Reforma Inglesa, ensinando história e teologia metodista dos séculos XVIII a XX por uns 20 anos, incluindo em Duke. Portanto, quando digo que esse livro é mal pesquisado quando se trata de história eclesiástica, não estou brincando, e estou em posição de saber. É realmente mal pesquisado". “Pagan Christianity-Review part Three”, acessado online: <http://benwitherington.blogspot.com/2008/07/paganchristianityreview-part-three.html> (14 de Novembro de 2009).

O segundo capítulo do livro argumenta contra o edifício da igreja como um local de encontro da igreja. Eles afirmam que “a história dos edifícios de igreja é a triste saga do cristianismo se apropriando da cultura gentílica e transformando radicalmente a face de nossa fé”<sup>14</sup>. Duas das principais razões bíblicas dadas a isso são que Jesus cumpriu em si mesmo o Templo, e que a igreja nunca se refere a um edifício no Novo Testamento<sup>15</sup>. Eles também chamam o edifício de “uma negação arquitetônica do sacerdócio de todos os crentes”, o que “impede nosso entendimento e experiência de que a igreja é o corpo de Cristo funcionando, que vive e respira diretamente debaixo de sua Cabeça”<sup>16</sup>. Na opinião deles, Constantino é o pai do edifício da igreja, e, sob a influência pagã, começou muitos projetos de construção por todo o Império Romano em 327 D.C.<sup>17</sup>. Um dos exemplos das raízes pagãs do programa de construção de Constantino é que “ele deu a seus edifícios nomes de santos – assim como templos pagãos são nomeados por deuses” e construiu as igrejas sobre cemitérios de santos mortos<sup>18</sup>.

A despeito das afirmações dos autores de que edifícios de igrejas são contrários às intenções de Deus para Sua Noiva, não existe descrição no Novo Testamento a respeito do tipo de estrutura arquitetônica onde a igreja deveria se reunir. A crítica dos autores começa ao igualar erroneamente os edifícios das igrejas com o templo. Witherington nota que isso é incorreto porque templos eram normalmente usados para “sacrifícios literais” e os edifícios de igreja “não são”<sup>19</sup>. Edifícios de igreja não são templos, mas são os lugares de encontro da *ekklesia*. Witherington também mostra que algumas casas essencialmente se tornaram edifícios de igrejas, como o novo uso da “casa de Pedro” em Cafarnaum mostra. Ele declara: “Não era mais apenas uma casa, foi remodelada de forma que pudesse ser um lugar melhor para o culto...”<sup>20</sup>. O *Dictionary of the Later New Testament and its Developments* afirma: “Dentro desse complexo, datando do primeiro século, um grande salão (7 metros por 6,5 metros = cerca de 45,5 metros quadrados) que foi reverenciado pelos cristãos como a casa de Pedro. Esse salão foi provavelmente usado pela comunidade local de judeus cristãos, enquanto os outros cômodos na *insula* continuaram a funcionar como parte da residência doméstica”<sup>21</sup>. Recentemente, foi descoberta uma caverna que poderia ser “a mais antiga igreja do mundo”, datada entre 33-70 d.C., e que

<sup>14</sup> Barna and Viola, 26.

<sup>15</sup> Ibid., 10, 14.

<sup>16</sup> Ibid., 42-43.

<sup>17</sup> Ibid., 21.

<sup>18</sup> Ibid., 21.

<sup>19</sup> Witherington Review Part One

<sup>20</sup> Ibid..

<sup>21</sup> “Architecture, Early Church”, Martin, Ralph P.; Davids, Peter H., *Dictionary of the Later New Testament & Its Developments*, (Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 2000, c1998).

“foi originalmente usada por um grupo de 70 cristãos perseguidos, que fugiram de Jerusalém”<sup>22</sup>. Ela foi usada tanto para local de culto quanto residência. Dr. Al-Hassan, diretor do Centro de estudos arqueológicos de Rihab, descreve o lugar como tendo uma capela distinta da residência, com 12 metros de comprimento e sete metros de largura, com uma área circular de culto e bancos de pedra<sup>23</sup>. Além disso, os cristãos frequentemente se encontravam em sinagogas, que eram lugares de adoração. Mesmo o apóstolo Paulo fez isso, até que foi expulso. Witherington escreve: “não parece que mesmo Paulo achasse que havia algo inerentemente inapropriado quando acontecia dos cristãos frequentar o culto da sinagoga em um edifício”<sup>24</sup>. O historiador da igreja E. Glenn Hinson escreve: “[Cristãos] continuaram a adorar no Templo e nas sinagogas... Até que a perseguição os espalhou, os líderes evidentemente fizeram da área do Templo sua base de operações, resistindo aos avisos do Sanhedrin [Sinédrio] para parar (Atos 4.20)”<sup>25</sup>. Quer sejam casas, cavernas, sinagogas, ou mesmo grandes construções, a estrutura arquitetônica do lugar onde a igreja se reúne não é contrária aos propósitos de Deus para seu povo, nem nunca foi.

A questão crítica não é o lugar da adoração, mas quem é o objeto da adoração – a saber, Jesus. Witherington comenta: “foi a situação social que ditava o que era sábio e prudente fazer em relação a abrigar encontros cristãos nessa época, não algum princípio teológico”. O próprio Jesus não era contra espaços e construções religiosos<sup>26</sup>. No fim das contas, ele adorou no templo (Lc 2.41-52)<sup>27</sup>. O crescimento da igreja também facilitou a necessidade de prédios maiores para a igreja. O *Dictionary of the Later New Testament and its Developments* afirma: “por volta do ano 250, por exemplo, os crentes em Roma eram aproximadamente trinta mil. Um crescimento assim requeria uma remodelação das estruturas existentes”<sup>28</sup>. Outra grande razão para a troca por construções maiores, ao invés de casas particulares, foi que a intensa perseguição se tornou mais infrequente, quando o cristianismo foi legalizado no quarto século<sup>29</sup>. Não há nada mais santo em cristãos se reunirem em uma casa. O encontro da igreja em uma casa ou em um edifício grande ainda é a igreja, e

<sup>22</sup> Matt McGrath, BBC News, “Jordan Cave May Be Oldest Church”, acessado online: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/7446812.stm> (20 de Novembro de 2009).

<sup>23</sup> Ibid.

<sup>24</sup> Witherington Review Part One.

<sup>25</sup> *The Early Church: Origins to the Dawn of the Middle Ages*, (Nashville, TN: Abingdon Press, 1996), 42.

<sup>26</sup> Witherington Review Part One.

<sup>27</sup> Ibid.

<sup>28</sup> “Architecture, Early Church”, Martin, Ralph P.; Davids, Peter H., *Dictionary of the Later New Testament & Its Developments*, (Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 2000, c1998).

<sup>29</sup> Witherington Review Part One.

não é uma prática pagã ou antibíblica. O que dizer de Constantino? Ele foi o fundador do edifício da igreja? Não, como foi mostrado. Witherington deixa claro: “é simplesmente mentira dizer que não existiam prédios de igreja muito antes de Constantino”<sup>30</sup>.

Hierarquia é outra falha que os autores de Cristianismo Pagão encontram na igreja institucional. Viola e Barna escrevem: “Junto com a busca caída da humanidade por um mediador espiritual humano está a obsessão pela forma de liderança hierárquica”<sup>31</sup>. Os autores postulam que essa é uma adoção de muitas das antigas culturas hierárquicas pelo cristianismo pós-apostólico<sup>32</sup>. Eles afirmam que não há um verso no Novo Testamento que “apoie a existência do pastor moderno”<sup>33</sup>. A respeito da palavra “pastores” em Efésios 4.11, os escritores concluem que indivíduos que são pastores não sustentam um título ou um ofício, e que sempre foram uma pluralidade nas igrejas locais<sup>34</sup>. A criação do pastor e da hierarquia eclesiástica contemporâneos é rastreada até Inácio de Antioquia (35-107) e à cultura Greco-romana, não às Escrituras<sup>35</sup>. Através dos anos, isso “institucionalizou a igreja de Jesus Cristo”, e no “quinto século, o conceito de sacerdócio de todos os crentes tinha desaparecido completamente da prática cristã”<sup>36</sup>. O leitor é informado de que Jesus “obliterou tanto o ícone do profissional religioso quanto a forma hierárquica de liderança”<sup>37</sup>. O pastor “rouba seu direito de funcionar como um membro completo do corpo de Cristo”, e se tornou “uma boca gigante”, transformando o corpo de Cristo em um “pequeno ouvido”<sup>38</sup>. A crítica mais intensa do pastor que os autores fazem é que “o pastor retira e suplanta a Cabeça de Cristo ao colocar-se como a cabeça humana da igreja”<sup>39</sup>. Muitas de todas essas conclusões se encaixam com a discordância doutrinária do autores a respeito da eterna subordinação do Filho de Deus<sup>40</sup>. Se a Trindade não contém hierarquia, então a igreja como a comunidade da *imago dei* redimida não terá também.

A subordinação eterna do Filho de Deus é uma doutrina bíblica. O teólogo Wayne Grudem afirma: “...se não temos a subordinação econômica [dentro do Deus Triuno], não há diferença inerente na maneira como as três

---

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> Barna and Viola, 109.

<sup>32</sup> Ibid, 109.

<sup>33</sup> Ibid, 106.

<sup>34</sup> Ibid, 107.

<sup>35</sup> Ibid, 110, 117.

<sup>36</sup> Ibid., 117

<sup>37</sup> Ibid., 119-120

<sup>38</sup> Ibid., 119-120

<sup>39</sup> Ibid., 137

<sup>40</sup> Barna e Viola escrevem: "...a ortodoxia bíblica rejeita a eterna subordinação do Filho de Deus. Ao invés, aceita a subordinação temporal do Filho em Sua encarnação" (264).

peças se relacionam com as outras, e, conseqüentemente, não temos as três peças distintas existindo como Pai, Filho e Espírito Santo por toda eternidade. Por exemplo, se o Filho não é eternamente subordinado ao Pai em função, então o Pai não é eternamente 'Pai' e o Filho não é eternamente 'Filho'. Isso significaria que a Trindade não tem existido eternamente"<sup>41</sup>. O Filho espontaneamente se submete ao Pai por toda a eternidade e é igual ao Pai em essência. A aversão de Viola e Barna pela subordinação dentro da Trindade os leva a uma visão antibíblica de subordinação e hierarquia zero dentro da igreja. Unidade e igualdade absolutas não levam, necessariamente, a uma falta de hierarquia e autoridade. Assim como a subordinação na Trindade não causa a desigualdade de qualquer um de seus membros, assim a hierarquia na igreja não destrói o sacerdócio de todos os crentes.

O ofício pastoral é outra prática antibíblica da igreja contemporânea? Absolutamente não. Contrário aos autores, a metáfora do pastor é tanto uma função e um ofício. Eles erigiram uma falsa distinção entre função e ofício. Witherington escreve: "se alguém é chamado a fazer uma tarefa regular e repetidamente, ele tem tanto uma função quanto um ofício"<sup>42</sup>. Pessoas foram chamadas por Deus e "ordenadas a regularmente realizar certas funções no cristianismo mais primitivo"<sup>43</sup>. As Epístolas Pastorais deixam isso abundantemente claro. O sacerdócio de todos os crentes não significa que todo mundo é pastor ou que todos foram chamados para os dons ou ofícios específicos dos outros. Isso é determinado pelo Espírito Santo<sup>44</sup>. Liderança pastoral não diminui a realidade de que Jesus é o Cabeça da igreja, porque, como Alexander Strauch escreveu: "Jesus Cristo é o 'Pastor Sênior', e todos os outros são Seus subpastores (1 Pedro 5.4)"<sup>45</sup>. Jesus, como cabeça da igreja, concedeu, como um dom a Sua igreja, subpastores. Isso não leva à destruição da Igreja. Pelo contrário, leva à edificação e capacitação da igreja, e a um maior conhecimento do próprio Jesus e à unificação da igreja como um todo (Ef 4.11-13).

O Novo Testamento deixa claro que a igreja deve ser governada pela pluralidade de presbíteros homens e qualificados. Strauch afirma: "O Novo

---

<sup>41</sup> Systematic Theology, (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), 251 (Nota do Tradutor: Disponível em português)

<sup>42</sup> "Pagan Christianity-Review Part Four", acessado online: <http://benwitherington.blogspot.com/2008/07/paganchristianityreview-part-four.html> (14 de Novembro de 2009).

<sup>43</sup> Ibid.

<sup>44</sup> Ibid.

<sup>45</sup> *Biblical Eldership: An Urgent Call To Restore Biblical Church Leadership*, (Littleton, CO: Lewis and Rothe Publishers, 1995), 115.

Testamento registra a evidência da supervisão de um concílio de presbíteros em quase todas as primeiras igrejas<sup>46</sup>. Ele continua dando os seguintes exemplos:

“Encontramos presbíteros nas igrejas da Judeia e entorno (Atos 11.30; Tiago 5.14,15); Presbíteros governavam a igreja em Jerusalém (Atos 15). Entre as igrejas paulinas, a liderança sob a pluralidade de presbíteros foi estabelecida nas igrejas de Derbe, Listra, Icônio e Antioquia (Atos 14.23); na igreja de Efésio (Atos 20.17; 1 Tm 3.1-7, 5.17-25); na igreja de Filipo (Fp 1.1); na igreja na ilha de Creta (Tt 1.5). De acordo com a carta de 1 Pedro, presbíteros existiram em igrejas por todo noroeste da Ásia Menor: Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (1 Pe 1.1, 5.1). Existem fortes indicações de que existiam presbíteros nas igrejas de Tessalônica (1 Ts 5.12) e Roma (Hb 13.17)”<sup>47</sup>.

Os autores de *Cristianismo Pagão* não têm tanto problema com presbíteros, mas com sua autoridade, ordenação e a nomenclatura de pastores<sup>48</sup>. Entretanto, o Novo Testamento, não a cultura pagã, dá autoridade aos presbíteros e ilustra sua função pastoral. Wayne Grudem concorda que pastor (*poimen*) “ocorre somente uma vez no Novo Testamento”, mas “o verbo relacionado, que significa ‘agir como um pastor’ (Gr. *Poimano*) é aplicado aos presbíteros quando Paulo lida com os presbíteros efésios<sup>49</sup>. Esses presbíteros devem “pastorear a igreja de Deus’ (Atos 20.28, literalmente traduzindo o verbo *poimano*)”<sup>50</sup>. Sua autoridade de governo é também enfatizada no texto bíblico, quando o apóstolo Pedro, em 1 Pedro 5.2 “diz aos pastores que ‘pastoreem (*poimano*) o rebanho de Deus que está em seus cuidados’ (tradução do autor)”<sup>51</sup>. Dois versos depois, Grudem mostra que “Jesus é chamado de Supremo Pastor (Gr. *Archipoimen*, 1 Pedro 5.4), implicando claramente que Pedro também via os presbíteros como pastores na igreja”<sup>52</sup>. O presbítero, é claro, deve modelar sua autoridade com base na autoridade de Jesus, que é o Pastor autossacrificial da igreja<sup>53</sup>. Consequentemente, os crentes dentro de uma comunidade local devem se submeter a esses presbíteros. Grudem explica o fundamento bíblico disto em seu comentário de Hebreus 13.17: “‘Obedeçam aos seus líderes e submetam-se a eles. Eles cuidam de vocês como quem deve

---

<sup>46</sup> Ibid,104.

<sup>47</sup> Ibid,104.

<sup>48</sup> Os autores declaram: "entre o rebanho existiam presbíteros (pastores ou supervisores)"; entretanto, "o vocabulário de liderança do Novo Testamento não permite estruturas piramidais" (110)

<sup>49</sup> Grudem, 913.

<sup>50</sup> Ibid., 913

<sup>51</sup> Grudem, 913.

<sup>52</sup> Ibid., 913-914.

<sup>53</sup> 1 Pedro 5.2-5

prestar contas.’ Uma vez que o Novo Testamento não dá qualquer indicação de algum outro ofício na igreja com esse tipo de autoridade, é razoável concluir que a congregação deve se submeter e obedecer seus presbíteros”<sup>54</sup>. Chamar os presbíteros de “Pastor” e o governo dos presbíteros dentro de igrejas locais não vem do paganismo ou mesmo da tradição da igreja, mas da inspiração do Espírito Santo na Sagrada Escritura. A autoridade do presbítero pastoral é derivada da Cabeça de Jesus e sob a Cabeça de Cristo, não uma anulação disto.

Viola e Barna também introduzem a ideia de que pastores não deveriam ser pagos, e que o salário do clero se originou com Cipriano de Cártago no terceiro século<sup>55</sup>. Não é o caso. Witherington afirma: “Paulo chama isso de um direito, não meramente uma opção. É claro que o pastor ou os pastores podem escolher abrir mão do salário... mas isto é *escolha deles, ninguém deveria fazer isso por eles, com base em algum tipo de ideia pseudobíblica*”<sup>56</sup>. Em 1 Coríntios 9.14, Paulo declara: “Da mesma forma, o Senhor ordenou àqueles que pregam o evangelho, que vivam do evangelho”. Paulo está dizendo que o pagamento daqueles que proclamam o Evangelho, que é o papel central do presbítero-pastor, é realizado porque Jesus ordenou. Jesus é o criador do pagamento do pastor, não Cipriano. Em Mateus 10, Jesus está comissionando os Doze e os diz que eles não levem dinheiro, porque “ele espera que eles descansem no sistema de hospitalidade, e deixem que outros lhes deem a provisão”<sup>57</sup>. A objeção pessoal de Paulo ao pagamento em Corinto é uma anomalia. Ele fazia por razões sociais, porque em Corinto “existiam oradores, retóricos, sofistas e professores de aluguel”<sup>58</sup>. Ele não pediu pagamento nesse contexto porque ele “não queria parecer com um vendedor charlatão [e] queria evitar alianças perigosas que eram armadas quando você aceitava auxílio”<sup>59</sup>. Se ele tivesse aceitado ajuda dos coríntios naquela época, ele provavelmente seria “*obrigado a um futuro serviço aos patrocinadores*”<sup>60</sup>. Isso teria atrapalhado sua missão e chamado de plantar igrejas por toda a terra. Witherington mostra que Paulo, em Gálatas 6.6, um contexto cultural diferente, declara: “O que está sendo instruído na palavra partilhe todas as coisas boas com aquele que o instrui”. Isso delineia uma “obrigação da congregação em prover sustento ao instrutor”, e a frase “todas as coisas boas” realmente significa “suporte monetário MAIS providenciar moradia,

---

<sup>54</sup> Grudem, 915.

<sup>55</sup> Viola e Barna, 176.

<sup>56</sup> Witherington Review Part Four.

<sup>57</sup> Ibid.

<sup>58</sup> Ibid.

<sup>59</sup> Ibid.

<sup>60</sup> Ibid.

alimentação, etc.”<sup>61</sup>. Novamente as afirmações excêntricas de *Cristianismo Pagão* mostram-se inadequadas em suas pressuposições bíblicas e históricas.

Outra crítica que os autores fazem contra a igreja contemporânea, em especial o Protestantismo, é o sermão. Eles asseveram que “a verdade surpreendente é que o sermão atual não tem raízes na Escritura” e “foi retirado da fonte pagã da cultura grega”, especialmente da retórica grega<sup>62</sup>. Isso leva a uma afirmação radical em uma nota de rodapé: “toda vez que você ouve um pastor protestante pregar, sob a superfície você encontrará o estilo de sermão puritano, que tem suas raízes na retórica pagã”<sup>63</sup>. Na visão dos autores, “o ministério da Palavra de Deus” no cristianismo neotestamentário “vinha da igreja inteira em seus encontros regulares”<sup>64</sup>. Eles continuam: “esse funcionamento ‘todos-os-membros’ também era conversacional (1 Coríntios 14.29) e marcado por interrupções (1 Coríntios 14.30)”<sup>65</sup>. Sermões pastorais criam frequentadores passivos e um cristianismo espectador.

Todo mundo é realmente chamado para pregar? Não. Deus ordenou que os presbíteros fizessem isso: “Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino” (1 Timóteo 5.17). Então todo presbítero é chamado a pregar? Não. Esse texto deixa claro que somente certos presbíteros o fariam, como vemos na frase “especialmente aqueles”. Portanto, dentro de uma igreja local há um grupo particular de presbíteros governantes e, dentro dos presbíteros, há um grupo particular que ensina e prega. Isso é contrário à alegação de Viola e Barna de que todos podem fazer isto.

Um das razões pelas quais Viola e Barna cometem o erro de que todos são chamados a pregar e ensinar é porque eles combinam pregação e profecia. Witherington escreve: “...francamente, profecia não é a mesma coisa que pregação e ensino”<sup>66</sup>. Ele continua: “...profecia, até onde sabemos, era normal e regularmente algo ‘espontâneo’, e pregação, quer na sinagoga ou na igreja, não era simplesmente profecia. Envolve uma exposição de Palavras pré-existentes de Deus”<sup>67</sup>. Mesmo se a profecia fosse pregação, em 1 Coríntios 14, “Paulo não acha que todos eles são, ou deveriam ser profetas”<sup>68</sup>. O Espírito Santo concede

---

<sup>61</sup> Ibid.

<sup>62</sup> Viola e Barna, 86, 89, 90.

<sup>63</sup> Ibid., nota de rodapé 66, p. 96.

<sup>64</sup> Ibid., 88.

<sup>65</sup> Ibid., 88.

<sup>66</sup> “Pagan Christianity-Review Part Three”, acessado online:

<http://benwitherington.blogspot.com/2008/07/paganchristianityreview-part-three.html> (14 de novembro de 2009).

<sup>67</sup> Witherington Review Part Three.

<sup>68</sup> Ibid.

diferentes dons e graças a diferentes membros do Corpo de Cristo<sup>69</sup>. Uma vez que o Espírito Santo faz isto, esses dons de pregar e ensinar que são concedidos aos presbíteros, juntos com os muitos outros dons de todo Corpo de Cristo, deveriam ser usados em uma “base regular”<sup>70</sup>. Os dons de pregação e ensino implicam que devem ser ouvidos e não são para serem interrompidos com diálogo. Witherington afirma: “Um Diálogo não é pregação bíblica. Nunca foi e nunca será”<sup>71</sup>. A proclamação da Palavra deve ser ouvida e não interrompida, que é uma das razões pelas quais as mulheres não deveriam interromper o ensino em 1 Timóteo 2.8-15<sup>72</sup>.

Entretanto, a edificação mútua que os autores estão procurando não é de toda ruim. Sua paixão por todos os crentes usarem seus dons e funcionarem como corpo de Cristo é boa (embora, sem motivo, eles minem muitas das práticas eclesiais pelo caminho). Obviamente a função da igreja não é apenas um ajuntamento de pessoas que ouvem a um presbítero pregar um sermão. Witherington comenta “...o que Viola e Barna estão descrevendo é parte vital da comunhão, mas certamente não é o foco do culto. Culto, no sentido bíblico, foca-se em Deus, e não em troca e discussão mútua”<sup>73</sup>. O culto público é fundamentado na exaltação de Deus, e não na interação de um com outro. Comunhão não é algo de natureza puramente espontânea e forçada. É preciso uma abordagem equilibrada aqui. Afinal, Paulo chama os coríntios ao culto público que é marcado pela ordem, não espontaneidade pura (1 Co 14.40). Essa ideia de que espontaneidade preserva a liderança e o senhorio de Cristo no culto com outros crentes é incorreta. Witherington corretamente declara “...Cristo não é o líder do culto de adoração. Isso não é sugerido em nenhum lugar do NT. Cristo é o objeto da adoração, aquele a quem nossa adoração é direcionada”<sup>74</sup>.

A alegação de que a pregação do sermão é derivada do paganismo da retórica grega é “**inteira e historicamente falsa**” (ênfase no original)<sup>75</sup>. Witherington escreve: “os discursos em Atos são, na verdade, resumos de discursos, e eles são, de fato, obras de retórica, trabalhadas de acordo com um padrão retórico de como um discurso da antiguidade, persuasivo e efetivo,

---

<sup>69</sup> Ibid.

<sup>70</sup> Ibid.

<sup>71</sup> Ibid.

<sup>72</sup> Ibid.

<sup>73</sup> Ibid.

<sup>74</sup> “Pagan Christianity-Review Part Two”, acessado online:

<http://benwitherington.blogspot.com/2008/07/paganchristianityreview-part-two.html> (14 de Novembro de 2009).

<sup>75</sup> Witherington Review Part Three.

deveria ser entregue, e são cuidadosamente editados por Lucas...”<sup>76</sup>. Muitas das próprias epístolas foram escritas oralmente e eram feitos para serem falados nas igrejas “em boa retórica”<sup>77</sup>. Witherington recomenda a obra de Averil Cameron, *Christianity and the Rhetoric of Empire: The Development of Christian Discourse*, que mostra que “durante todo o período dos primeiros cinco séculos da história cristã, os cristãos que falavam grego ou latim usaram a retórica e estruturas retóricas para fazer seus discursos, sermões, homílias, mensagens evangelísticas e tudo mais. Isso inclui os autores do Novo Testamento”<sup>78</sup>. De fato, a pregação dos Pais Gregos era derivada do cânon do Novo Testamento. Os sermões foram derivados da Escritura, não de pagãos, eles não eram espontâneos, mas construídos com “habilidade e estrutura retóricas”<sup>79</sup>. Então, o sermão é uma invenção do Protestantismo? Witherington responde: “ninguém que tenha realmente lido os sermões de Crisóstomo ou Ambrósio ou Agostinho ou de um exército de outros Pais da Igreja poderia jamais fazer uma afirmação frívola como essa”<sup>80</sup>.

Uma ausência marcante nesse livro é uma discussão longa de como a disciplina eclesiástica é feita. Como uma igreja orgânica em lares pratica a disciplina sem uma forma de liderança hierárquica? O pastor e escritor Jim Belcher, em seu livro *Deep Church*, discute a questão no contexto de seu relacionamento com um líder de igreja no lar: “Minha maior preocupação sobre igrejas em lares como a de Keith Giles é que não há uma estrutura formal para disciplina. Quando eu o perguntei como ele mediará um confronto entre ele e outro membro ou líder... ele realmente não sabia. Ele tentaria, disse, convencer essa pessoa baseado na força de seu relacionamento. Mas já vi, em primeira mão, que isso nem sempre é o bastante. Algumas vezes, uma corte mais alta, como um conselho de presbíteros ou uma denominação, é necessária”<sup>81</sup>. Esse é, de fato, também um grande problema para igrejas em lares segundo o modelo de Viola e Barna. Por outro lado, Belcher apela para a “Grande Tradição”, que diz que o “ofício ordenado de um pastor/presbítero” e ser “responsável pela disciplina santa”<sup>82</sup>. Isso não é simplesmente uma tradição, mas parece ter precedente bíblico quando a natureza do governo pastoral dos presbíteros se estende a “refutar os que se opõem” à sã doutrina (Tito 1.9), e “repreender com toda a autoridade” (Tito 2.15).

---

<sup>76</sup> Ibid.

<sup>77</sup> Ibid.

<sup>78</sup> Ibid.

<sup>79</sup> Ibid.

<sup>80</sup> Ibid.

<sup>81</sup> Belcher, 176.

<sup>82</sup> Ibid., 176.

Outro ponto crítico de discordância encontra-se no capítulo final e na visão dos autores do Jesus Revolucionário. Viola e Barna acreditam que Jesus não é apenas Salvador, Messias, Profeta, Sacerdote e Rei, mas Revolucionário, e eles acreditam que dificilmente algum cristão o conhece dessa forma<sup>83</sup>. Isso contribui para as alegações do livro de que não somente a maioria dos cristãos não conhece a igreja bem, mas que eles também não conhecem Jesus assim tão bem. Os autores pintam um retrato de Jesus como o desafiador do sistema religioso, o que é claro e verdadeiro nos Evangelhos; entretanto, sua implicação é que Jesus está lá fora para confrontar o sistema religioso da igreja institucional, e que você deveria segui-lo nisto. Esta crítica tem mostrado que muitos dos pontos dos autores são simplesmente falsos e que Jesus não ordenou esse tipo de revolução. Ainda assim, esse não é o ponto mais perturbador, mas o que se segue.

Viola e Barna acreditam que o “alvo dominante” da “natureza revolucionária” de Jesus “é colocar eu e você no centro do coração pulsante de Deus”<sup>84</sup>. Esse enfaticamente não é o alvo de Jesus. Se fosse, Jesus seria um idólatra. Seu alvo é a glorificação de Seu Pai e de Si mesmo (João 17.1,4,5). O alvo dominante dessa natureza revolucionária não é colocar “eu e você no centro do coração pulsante de Deus”, mas fazer pessoas que são apaixonados pelo fato do próprio Deus estar no centro do coração pulsante de Deus<sup>85</sup>. A paixão de Jesus é pela glorificação de Si mesmo e de Seu Pai, e é a missão da igreja, energizada pelo Espírito Santo, para que o Deus Triuno seja glorificado – isto é revolucionário.

O pior aspecto do livro é a pressuposição de que a igreja institucional é a grande inimiga da igreja<sup>86</sup>. A instituição não é a inimiga da igreja. O problema mais significativo das igrejas, sejam institucionais ou orgânicas, é tratar qualquer coisa além de Satanás, o pecado e a morte como os maiores inimigos da igreja. Isso resulta numa diminuição do Evangelho. Jesus não veio para libertar a humanidade das restrições das instituições, mas de Satanás, do pecado e da morte. Esse livro é construído sob o assunto secundário da prática e governo eclesiásticos, ao invés do assunto central da tarefa da igreja, a proclamação do Evangelho. Sem dúvida, deveria haver uma crítica a respeito de como a igreja deveria “fazer igreja”, mas muito da crítica que *Cristianismo Pagão* faz contra a

---

<sup>83</sup> Viola e Barna, 244.

<sup>84</sup> Ibid., 246.

<sup>85</sup> Ibid.

<sup>86</sup> Essa ideia foi tirada e modificada da declaração de Witherington: "É claro, o grande vilão em Cristianismo Pagão não será o pecado, sofrimento, o Diabo ou alguma dessas coisas. O grande vilão será o que é toscamente chamado de Igreja Institucional e aqueles outros bodes expiatórios - a tradição da igreja e, oh claro, filosofia grega". Witherington Review Part One.

igreja contemporânea baseia-se em assuntos secundários que são questionáveis (tanto histórica quanto bíblicamente) na melhor das hipóteses, e absolutamente deficientes e errôneos na pior. Não se engane: a igreja precisa de revolução e reforma, mas não do tipo que os autores estão clamando. A igreja está em uma necessidade desesperada de uma revolução completa pelo Evangelho e a centralidade de Deus.

É importante fechar com algumas qualificações importantes e alguns pontos de concordância com o livro. Primeiramente, essa crítica não significa que uma igreja norte-americana institucional e estruturada é o único jeito de “fazer igreja”. O movimento das igrejas nos lares, espalhado por todo o mundo, é uma obra de Deus. Segundo, essa não é uma crítica a tudo que foi afirmado pelos autores. Por exemplo, os problemas trazidos no capítulo onze, como os versículos-prova, a ausência da grande narrativa da Bíblia, e o individualismo inflexível são todos grandes problemas por toda a igreja<sup>87</sup>. Terceiro, a importância dos plantadores de igreja é afirmada cordialmente, embora haja uma discordância sobre o tipo de igreja plantada. Quarto, cada igreja local “institucional” deveria fazer mais que um culto de domingo. Devem promover e encorajar outras comunidades relacionais dentro de si mesmas, que os dons espirituais funcionem na vida cotidiana dos crentes, e que os crentes estejam a serviço da missão de Deus no mundo. Finalmente, a necessidade da igreja de que esteja sempre reformando (*semper reformanda*), de forma que as tradições eclesásticas nunca vençam a Escritura, é imperativa. Essa preocupação dos autores deveria ser mais uma preocupação dentro da igreja contemporânea, especialmente a respeito da natureza e implicações do Evangelho de Jesus Cristo sobre a igreja e o mundo.

Mesmo com essas qualificações e pontos de concordância, esse livro como um todo não é recomendado, e muito de seus argumentos devem ser imediatamente rejeitados. O tom do próprio livro é problemático, porque os autores estão muito seguros de si. Quando alguém descobre que suas alegações bíblicas e históricas, que são sustentadas com tanta confiança, não são tão histórica e bíblicamente viáveis, essas certezas tornam-se quase cômicas. De repente, a advertência dos autores no começo do livro (“Se você não está disposto a ter seu Cristianismo seriamente examinado, não leia além dessa página”) não parece mais tão ameaçadora<sup>88</sup>.

Traduzido por Josaiás Jr. | iPródigo | Versão original: <http://theresurgence.com/pagan-christianity>

---

<sup>87</sup> Viola e Barna, 230-231.

<sup>88</sup> Ibid., 7.